



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Lucas da Costa, Raul Max
Michel de Certeau: entre a história e a psicanálise
História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 5, núm. 10, diciembre, 2012, pp. 294-299
Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769698020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Michel de Certeau: entre a história e a psicanálise

Michel de Certeau: between history and psychoanalysis

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 256 p.

Raul Max Lucas da Costa

raulmaxpsi@yahoo.com.br

Mestre

Universidade Federal do Ceará

Rua Zeferino Pedro dos Santos, 648 - São José

63024-390 - Juazeiro do Norte - CE

Brasil

Palavras-chave

Historiografia; Ciência; Michel de Certeau.

Keywords

Historiography; Science; Michel de Certeau.

294

Enviado em: 16/5/2012

Aprovado em: 6/8/2012

O historiador francês Michel de Certeau é referência constante no campo da história e das ciências sociais em pesquisas que problematizam o cotidiano citadino, a diversidade cultural, as práticas religiosas e a escrita da história. Conhecido por sua erudição e escrita prolixa, De Certeau causa em seus leitores fascínio e estranhamento, retirando-os dos lugares comuns, próprios da ordem discursiva acadêmica, levando-os a uma travessia, aparentemente arriscada, por referências antropológicas, etnográficas, místicas, linguísticas e psicanalíticas sem perder a direção de sua reflexão histórica.

Reunindo textos dedicados à reflexão sobre o fazer historiográfico em diálogo com o saber psicanalítico, o livro *História e psicanálise: entre ciência e ficção* (2011) de Michel de Certeau, traduzido recentemente para o português, suscita questões sobre as proximidades entre história e psicanálise. O livro consiste numa publicação póstuma organizada por sua colaboradora Luce Giard e originalmente lançado em 1987, em francês, pela editora Gallimard. Para o historiador interessado num diálogo maduro e profícuo entre história e psicanálise, longe da superficialidade comum das meditações propedêuticas, o livro torna-se mais uma referência obrigatória. Ao leitor psicanalista poderá interessar a discussão sobre a escrita ficcional, a epistemologia, a temporalidade, a literatura e o pertencimento institucional como questões afins entre o ofício do historiador e do psicanalista.

Apesar de ressaltar o saber psicanalítico como interlocutor central de sua reflexão historiográfica, o livro também reúne textos do autor sobre o filósofo Michel Foucault, convidando o leitor a pensar o fazer historiográfico a partir da linguagem, da escrita e da subjetividade. No tocante a psicanálise, Freud é a referência maior, sobretudo, os textos freudianos dedicados à religião como "Moisés e o monoteísmo" (1939), "Sobre uma neurose demoníaca do séc. XVII/XVIII" (1922) e "O caso Schreber" (1911). Além de Freud, o psicanalista francês Jacques Lacan é outra referência constante, não tanto por seus escritos, mas por seu ensino que marcou profundamente o movimento psicanalítico contemporâneo. De Certeau participou ativamente como membro da Escola Freudiana de Paris idealizada por Lacan desde sua fundação em 1964 até sua dissolução em 1980. Apesar de sua filiação a instituição psicanalítica, De Certeau não se autorizava como psicanalista. Era como historiador que buscava na psicanálise elementos para realizar seu ofício.

A obra está dividida em dez capítulos, sendo os três primeiros dedicados à relação entre história, psicanálise, enquanto disciplinas fronteiriças entre a ciência e a ficção, daí a invocação ao texto literário, ao romance e ao procedimento científico como elementos comuns entre o historiador e o psicanalista. Os capítulos IV, V e VI são dedicados a Michel Foucault, consistindo respectivamente, numa resenha sobre a obra *As palavras e as coisas*, um obituário sobre o falecimento do filósofo em 1984 e um texto sobre a obra *Vigiar e punir*. Os capítulos seguintes (VII a IX) destacam a noção de estrutura, a heterologia e a mística. O lugar do historiador, as condições de possibilidades de sua prática, a funcionalidade da nomeação e da linguagem são tematizados. O último capítulo é um texto obituário a Lacan, falecido em 1981, lembrado aqui como um mestre

referenciado pela fala/palavra, leitor subversivo da obra freudiana e reformador da instituição, da política e da ética psicanalítica.

Em “A história, ciência e ficção”, capítulo inaugural do livro, a presença da ficção na escrita do historiador é problematizada, considerando a aspiração científica da disciplina histórica e a referência à realidade como parâmetro da verdade. Daí o autor afirmar que “ciência” e “ficção” são palavras perigosas, amplamente utilizadas para distinguir a prática histórica como disciplina. No discurso do historiador, quatro funcionamentos da ficção são identificáveis: 1) a ficção (mitos, lendas, fábulas) é entendida como um erro, elemento de falseabilidade que deve ser distanciado; 2) a realidade surge como parâmetro de verdade; 3) paradoxalmente a ficção excluída retorna ao campo científico na linguagem formal explicativa e organizadora; 4) o discurso fictício é considerado impuro, carente de cientificidade. Apesar desses desencontros entre o ficcional e o científico, De Certeau ressalta que a ficção em suas diferentes modalidades da forma ao real, não pretendendo representá-lo ou ser autorizado pelo o mesmo. No campo historiográfico existiria uma “ambição de dizer o real” atitude que recusa sua perda.

Um ponto importante sobre o estatuto científico do discurso historiográfico é sua relação com a instituição que lhe autoriza. A obra do historiador escamoteia a instituição guardiã da verdade do real que reconhece e autoriza seu lugar, desde que tenha um fundamento mínimo estatístico e seja reconhecido por uma “autoridade reinante”. Ao falar em nome do real, a escrita histórica seria uma “narrativa imperativa”.

296

Em sua produção científica, o texto escrito, o discurso do historiador recorre à narrativa e ao ordinário, dando linearidade, ordem e sentido aos seus objetos. Em suma:

[...] essa ficção-científica funciona, à semelhança de outras heterologias, no ponto de junção entre discurso científico e linguagem ordinária, exatamente no ponto em que o passado se conjuga com o presente e em que as indagações sem tratamento técnico retornam como metáforas narrativas (CERTEAU 2011, p. 63).

Em “Psicanálise e história”, as noções psicanalíticas de tempo, memória e historicidade são apresentadas ao leitor, destacando-se suas diferenças com a operação historiográfica. A própria particularidade da inserção do saber psicanalítico em diferentes países também é tematizada. Enquanto a historiografia trabalha com a cisão sequencial entre passado e presente, a psicanálise inclui o passado no presente como bem demonstra a ideia freudiana de recalçamento e seu retorno.

A relação de Freud com a história foi bastante singular ao promover rupturas com os antagonismos clássicos entre o individual e o social, o normal e o patológico, e por fim entre a realidade e o ficcional. A obra *Totem e tabu* (1913) revela de forma exemplar essa ultrapassagem desses dualismos e a própria condição ficcional do sujeito na cultura. Desde já, uma questão apresentada por De Certeau vem à tona: ao romper com a cisão entre passado e presente

não estaria à psicanálise realizando uma interpretação anacrônica do social ao considerar o inconsciente uma categoria atemporal?

Outra faceta na interface entre história e psicanálise diz respeito à própria historicidade da psicanálise enquanto saber e instituição, fato considerado por De Certeau como rechaçado, denegado entre os psicanalistas.

O capítulo "O 'romance' psicanalítico: história e literatura" aborda o impacto do "freudismo" no campo das ciências, sobretudo na historiografia. A novidade da psicanálise freudiana foi reintroduzir a arte literária, sobretudo o romance na escrita científica, já que a modernidade desde o século XVIII produziu uma cisão entre as "letras" e as "ciências". O recurso literário na construção epistemológica da psicanálise está presente desde a construção dos casos clínicos freudianos cuja marca maior foi romper com a anamnese médica criando uma *krankegeschichte*, ou seja, uma "história de paciente" profundamente marcada pelo estilo romântico. A narrativa na construção do caso clínico aponta para o limite dos conceitos teóricos perante o factual. Mais do que um uso estilístico a marca literária na obra freudiana consiste numa recuperação da subjetividade no campo da ciência. A tese De Certeau é de que a literatura é o discurso teórico dos processos históricos, pois "sem romance, não há historicidade" (CERTEAU 2011, p. 96). Contudo, a instituição acadêmica confere ao historiador um lugar de autoridade e a forma metodológica de seu ofício tendo como parâmetro a realidade. Nesse movimento, a ficção é exorcizada e a criação literária devolvida ao contexto real no qual foi produzida.

Nos capítulos seguintes (IV, V e VI) De Certeau realiza uma análise dos efeitos do pensamento foucaultiano no campo das ciências. Em "O riso de Foucault", o estilo irônico do filósofo francês é sintetizado na resposta a interrogação dos interlocutores brasileiros sobre qual a sua qualificação e especialidade acadêmica: "Quem sou eu? Um leitor" (CERTEAU 2011, p. 118).

Sabemos que De Certeau também compartilhava de uma formação não exclusiva a um campo específico, daí talvez sua referência constante ao trabalho de Foucault ora para homenageá-lo, ora para criticá-lo. Isso fica patente no comentário do autor sobre a publicação de *As palavras e as coisas*: "O brilho e, às vezes, a preciosidade do estilo, a minuciosa destreza da análise, abrem para uma obscuridade em que se perdem, conjuntamente, o autor e o leitor" (CERTEAU 2011, p. 132).

O projeto arqueogenealógico foucaultiano ultrapassava as fronteiras institucionais e a ordem do discurso vigente nas universidades, daí sua recusa a participar ou identificar-se com um campo específico do saber. A descontinuidade e a desconstrução dos saberes provocam um "espanto", uma surpresa no leitor que se depara com sua obra ritmada por imagens (quadros, gravuras) e citações que fornecem a sua obra um estilo óptico.

Em "O sol negro da linguagem: Michel Foucault" o eixo de discussão parte de uma resenha crítica ao livro *As palavras e as coisas* considerando seu impacto social e intelectual a época de seu lançamento. Mais uma vez a obra de Foucault é analisada em aspectos visuais ao ser considerada brilhante. Brilhante até demais, dirá De Certeau ao ponto de ofuscar o autor e o leitor, obscurecendo o conteúdo o qual a obra se propõe discutir.

No capítulo “Microtécnicas e discurso panóptico: um quiproquó” De Certeau elege o livro *Vigiar e punir* de Foucault para discutir os limites e os efeitos metodológicos de sua obra. O estudo sobre as prisões e sobre as instituições disciplinares é permeado de referências de controle: técnicas, máquinas, aparelhos, instrumentos, dentre outros. De Certeau critica a pretensão foucaultiana de elaborar uma teoria sobre os domínios não verbais: “Foucault trabalha à beira da falésia, tentando inventar um discurso para abordar práticas não discursivas” (CERTEAU 2011, p. 157). O método foucaultiano seria semelhante a um aparelho panóptico, ou seja, uma análise panóptica que não deixa escapar nada.

O diálogo entre história e psicanálise é retomado nos capítulos que finalizam a obra (capítulos VII, VIII, IX e X). Em “História e estrutura”, a partir da historiografia religiosa, De Certeau concentra sua análise na estrutura do passado e sua relação com o presente. A ausência seria o operador do trabalho historiográfico, sua “condição de possibilidade” que permitiria realçar a diferença entre o passado e o presente. A história cristã seria a tentativa emblemática de homogeneizar o tempo e as diferenças culturais e geográficas, não deixando nenhum resto ausente. Nesse sentido, De Certeau se recusa a utilização retórica dos conceitos psicanalíticos como forma interpretação da história.

O capítulo seguinte “O ausente da história” prossegue com a discussão anterior. A heterologia, o estudo do outro, seria a marca discursiva da historiografia. Todavia, o outro, objeto do historiador é o que está ausente. O trabalho historiográfico teria como efeito a multiplicação das “marcas da alteridade” através da série de nomes, datas e outros pormenores. Outro efeito da escrita da história seria uma marca de ausência no presente, causando uma falta semelhante ao efeito *nonsense* da irrupção do sonho para o sonhador conforme Freud: “A escrita historiográfica cria ‘a-topias’; ela abre ‘não lugares’ (ausências) no presente; [...] Ela coloca-se, então, do lado do sonho. [...] a análise freudiana, de maneira mais aprofundada, nos ensinou: a alteridade do real ressurge na ficção” (CERTEAU 2011, p. 185).

“A instituição da podridão: Luder”, capítulo IX, consiste em uma comunicação realizada na Escola Freudiana de Paris. Trata-se de um comentário sobre o estudo freudiano da autobiografia de Schreber. De Certeau aproxima às alucinações visuais e auditivas da paranoia à experiência dos místicos cristãos. Em seus delírios paranoicos, Schreber recebeu a nomeação de Luder (pobre, lixo) fato que provocou uma série de episódios de degradação de seu corpo. Partindo desse fato, De Certeau examina a degradação do corpo nas experiências místicas, semelhantes às torturas institucionais. As instituições políticas são comumente alvos de reformas que pretendem livrar a corrupção, a podridão em nome do ideal de pureza.

Acredito que essa reflexão sobre o lugar do podre no funcionamento institucional não estava desvinculada ao momento político da instituição psicanalítica do qual De Certeau era engajado, ou seja, a crítica lacaniana à tradição e aos desvios da Associação Psicanalítica Internacional.

O capítulo X consiste em um texto necrológico dedicado à memória de Jacques Lacan falecido em 1981. Lacan é lembrado como um mestre da fala de retórica e estilo marcado por jogos de linguagem. Os seminários lacanianos tratavam justamente de realizar um retorno à Freud perante a uma plateia de seguidores. Seu ensino marcado mais pela locução do que pela escrita, revela uma ética que estende a clínica onde à fala do sujeito sobressai o silêncio do analista e a proposta de uma instituição psicanalítica no modelo de Escola. A proposta lacaniana radicalizou a formação do analista ao enfatizar a análise pessoal como possibilidade de autorizar-se psicanalista. A Escola seria o lugar de reunião daqueles (analistas e analisandos) marcados por essa ética da fala e que mantinham dedicação à causa analítica. De Certeau interroga sobre os destinos dessa proposta, sobre sua viabilidade após a morte de seu mestre criador.

Por fim, o livro de Michel de Certeau *História e psicanálise: entre ciência e ficção* é referência indispensável para aqueles que pretendem se aventurar na discussão sobre a subjetividade na fronteira entre história e psicanálise.